



## **REFLEXÕES SOBRE POESIA, ENSINO E PESQUISA: UM SABER TRANSDISCIPLINAR**

Professora Dra. Maria do Socorro Pinheiro

Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu/Universidade Estadual do Ceará-UECE  
[socorro.pinheiro@uece.br](mailto:socorro.pinheiro@uece.br)

### **Resumo:**

Este artigo trata sobre a poesia como espaço transdisciplinar no desenvolvimento das potencialidades humanas. Assim sendo, pretendemos discutir o ensino e a pesquisa sobre poesia visando o aprimoramento e a formação do leitor literário na perspectiva da dimensão poética da existência humana, como propõe Edgar Morin (2014). Nossa proposta metodológica consiste em mostrar que a poesia, gênero literário que alia as subjetividades humanas, promove a construção de novos saberes. Para tanto, partimos de análises e reflexões do texto poético que promovam o desenvolvimento de uma educação que integre a totalidade do ser. Utilizaremos como embasamento teórico os estudos de Edgar Morin (2011, 2014), Octávio Paz (1994, 2012) e Helder Pinheiro (2007, 2014), que trazem discussões sobre a poesia como elemento de formação humana no campo da transdisciplinaridade. Esperamos que a poesia possa manter um diálogo permanente com outras áreas do conhecimento, para elevação, promoção e socialização humana.

**Palavras-chave:** Poesia, Transdisciplinaridade, Formação Literária.

### **Introdução**

A partir de estudos e de leituras sobre poesia, fomos percebendo sua importância na formação do indivíduo. Tal gênero remonta a distantes épocas e culturas, pertence a todos os tempos e lugares, a qualquer idade e sexo, área de conhecimento e níveis de instrução. A poesia está ligada ao mundo interior e aos afetos, num exercício permanente de elaboração do pensamento e dos sentidos, agregando saberes que ampliam a sensibilidade e o conhecimento em diferentes áreas. As coisas e o mundo podem ter outra forma de percepção pela sensibilidade poética, que amplia nosso campo de visão. A percepção está no âmbito das representações, das relações e dos sentidos, como diz Merleau-Ponty (2011, p. 24), “o algo perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um campo”. E nesse campo das percepções, a poesia se funda numa realidade imagética, construída por uma linguagem ricamente ornada de enfeites e bordados, cujo resultado não pode ser apenas o de provocar deleite, mas de ser um instrumento epistemológico na construção de um sujeito indagativo, que pensa suas relações com o cosmo.

Nossa experiência de docente e de leitora pôde verificar que a poesia ainda é pouco lida e estudada, sobretudo, em sala de aula. Essa ausência causa prejuízos na formação do leitor literário. A preferência por este ou aquele gênero está associada a questões de natureza subjetiva, que



envolvem o gosto do leitor. Por trás dessa subjetividade, estão ainda questões estéticas, estilísticas e hermenêuticas da própria poesia, que exigem do leitor um determinado exercício de leitura. Algo que nem sempre está sendo desenvolvido. Além da preferência, há outro ponto que interfere nas escolhas: a temática. Alguns temas seduzem mais do que outros. O leitor é naturalmente conduzido pela temática que desperta seus sentidos, que o coloca num plano de liberdade, de apelos e protestos.

Se a poesia ganha uma face hermética não estaria associada somente aos temas e à linguagem, mas a operações estruturais da própria poesia. Há determinados poemas que demandam do leitor um nível de amadurecimento potencialmente crítico e reflexivo. São exigências que põem em prova o ser do indivíduo na busca de novos saberes. Esse caminho de aprendizagem ocorre por duas vias: o ensino e a pesquisa. Sendo assim, queremos discutir o ensino e a pesquisa sobre poesia, visando a formação do leitor literário na perspectiva da dimensão poética da existência humana. O professor e o aluno podem atuar no mesmo palco e devem ter uma postura crítica e investigativa. Para que isso ocorra o leitor precisa ser seduzido. E de que forma, o leitor adentra o universo da poesia? Como desenvolver atividades de leitura que resultem num ato de espera, de paciência e de elaboração de mentalidades mais abertas? São questões que o ensino e a pesquisa sobre poesia podem tratar.

A poesia como um saber que forma o pensamento revela a complexidade da condição humana com suas nuances e antagonismos, porque ela é uma experiência humana. Buscamos em Edgar Morin (2011, 2014), Octavio Paz (1994, 2012) e Helder Pinheiro (2007, 2014) diálogos que possam nos ajudar a pensar nesse veio da realidade humana cujo acesso ocorre pela linguagem, pela imaginação e pelo desejo.

### **A poesia e sua relação com o ensino e a pesquisa**

Dois elementos importantes presentes na poesia se colocam no campo de nossas reflexões: A transdisciplinaridade e a linguagem. É no âmbito da transdisciplinaridade que a poesia se encontra. Utilizamos a palavra transdisciplinaridade no sentido adotado por Edgar Morin, em **Carta da Transdisciplinaridade**, (1994, art. 5), “a visão transdisciplinar está resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exatas por seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual”. A poesia está aberta para esse diálogo e atende a uma necessidade humana, engendra



um conhecimento estético e humano entremeado de significados transdisciplinares, que desenvolvem a capacidade do leitor de pensar e sentir a vida. E por se manter num espaço de diálogo com outras áreas do conhecimento (filosofia, mitologia, religião, antropologia, psicologia, geografia, ecologia, história e tantas outras), a poesia lida com realidades complexas, tece sensíveis ideias e transmuta-as em imagens.

Nesse espaço transdisciplinar da poesia se dá a formação do leitor literário, a construção de novas mentalidades instauradoras do sentimento de unidade e de transformação, como via de acesso para a compreensão de nossa condição humana, por meio de poemas que mexem com a sensibilidade. No mundo da competitividade, a poesia nos revela que o amor vale mais que tudo, “é belo vê-lo amor sem anestesia, dói de bom, arde de doce, queima, acalma, mata, cria”, diz o poeta e compositor Chico César. A poesia é presença no agora, que se faz eterno, sem conceitos e regras, apenas os sentidos mantidos, para apreender o instante fugaz. O saber que emana da poesia precisa ser inserido como um componente curricular que deve atuar no ensino e na pesquisa.

Se a poesia, na verdade, é instrumento de formação e de compreensão do homem na sua relação com o outro homem, consigo mesmo e com o mundo, certamente, ela caminha numa linha de credenciamento e de reabilitação do ser. A poesia coloca o homem diante de si mesmo. Essa realidade precisa ser percebida pelo aluno. Para tanto é preciso ter um espírito investigativo diante dos textos, lembra Hélder Pinheiro (2011, p. 22). No âmbito do ensino e da pesquisa, a poesia torna-se um objeto a ser explorado pela sua riqueza cultural, diversidade temática e elementos estéticos. Como o professor estimula o interesse dos alunos? É uma questão que nos faz pensar em propostas metodológicas que ressignifiquem o modo de ensinar e de pesquisar sobre poesia.

Com sua natureza transdisciplinar, a poesia nos oferece diferentes saberes, que se interseccionam e atuam na dimensão do humano, enfatizando múltiplas e complexas emoções. Investigar a construção desses saberes e buscar uma forma interpretativa é um bom começo para adentrar no campo da pesquisa. Se somos seres descontínuos e se vivemos na imensa solidão do caos, a poesia vem nos comunicar algo, para além da nostalgia que nos persegue. Ela é a busca, o complemento, o encontro.

Nosso eros é essencialmente poético. Se ao mesmo tempo somos seres biológicos, psíquico, social, afetivo e racional, como afirmou Edgar Morin (2002 p. 38), também somos seres eróticos e poéticos. A poesia nos engendra, mas para isso, necessitamos de uma educação literária, que nos faça desenvolver a sensibilidade poética. O envolvimento com a leitura, amplia nosso repertório de leitor e renova nosso estado de sujeito desejante. A relação entre poesia e erotismo se



constitui na linguagem, que desencadeia sensações, unindo a erótica verbal a uma poética corporal, como analisou Octavio Paz (1994, p. 12).

Outro elemento que se coloca como essencial no estudo sobre poesia diz respeito à linguagem, que se converte em imagens instauradoras de significados. Muitas vezes perceber as imagens do poema requer um esforço de nossa imaginação, por falta de exercício da leitura. Segundo Ezra Pound (2001, p. 40), “a poesia é a mais condensada forma de expressão verbal”. Essa condensação diz respeito ao modo como a palavra é usada. Vemos então a palavra articulada, palavra símbolo que emite símbolo, tornando-se então linguagem do indizível, linguagem do “estranhamento”. Pound (2001, p. 40) afirma ainda que recebemos a linguagem e seus significados como a nossa raça a deixou, e que o escritor escolhe as palavras pelos seus significados, no entanto adverte:

O significado não é algo tão definido e predeterminado como o movimento do cavalo ou do peão num tabuleiro de xadrez. Ele surge com raízes, com associações, e depende de como e quando a palavra é comumente usada ou de quando ela tenha sido usada brilhantemente ou memoravelmente.

Vemos então que a linguagem da poesia está veiculada a associações e metáforas, podendo suscitar outras significações, de acordo com o que as palavras evocam e em contextos diferentes, que nem sempre é o contexto habitual do leitor. Drummond (2012, p. 13) diz que, “sob a pele das palavras há cifras e códigos”. As palavras ganham novos significados porque podem ser vistas com novos olhares. Dessa forma, a palavra se reveste de imagens que se renovam na relação com os sentidos (som, visão, cheiro) e as sensações. Não somente as palavras poéticas constroem a tessitura dos versos, mas também as imagens dão ao texto significados preciosos.

Temos encontrado na poesia estruturas léxicas e sintáticas que dão à linguagem poética uma estilística sofisticada. Segundo Bosi, (2000, p. 29) “A matéria verbal se enlaça com a matéria significada por meio de uma série de articulações fônicas que compõem um código novo, a linguagem.” Por ser a linguagem da poesia possuidora de uma estética inconfundível num tecido verbal, que ora agrega sentidos, ora renova-os, não podemos esquecer que a poesia também está em outras formas de expressão que não são verbais. Em qualquer lugar que a poesia se encontre, ela surge como um instrumento dialógico possível que exercita a liberdade do ser como sujeito livre para interagir com as diferentes formas de vida.

A linguagem da poesia está alimentada pela imaginação criadora, que consiste segundo Bachelard (2001, p. 01), “na faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é,



sobretudo, a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens”. A imaginação poética constrói um mundo alicerçado pela ótica da verdade possível, mostrando-nos coisas que nossa percepção ordinária não consegue ver. Essa imagem que o poeta consegue atribuir ao poema resulta de seu entusiasmo e virtuosidade. Qual o ponto de encontro entre a palavra e a imagem? Talvez a imaginação seja o liame entre essas duas categorias que se agregam como realidade poética.

A poesia vive no primado dos sentidos, estabelecendo nexos com as palavras, mantendo-se entre o ver e o crer. Segundo Octavio Paz (1994, p. 11), o segredo da poesia e de seus testemunhos está na conjunção dessas duas palavras: ver e crer.

Aquilo que nos mostra o poema não vemos com nossos olhos da matéria, e sim com os do espírito. A poesia nos faz tocar o impalpável e escutar a maré do silêncio cobrindo uma paisagem devastada pela insônia. O testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste, o mundo outro que é este mundo. Os sentidos, sem perder seus poderes convertem-se em servidores da imaginação e nos fazem ouvir o inaudito e ver o imperceptível.

As imagens nascem dos sentidos, da capacidade de imaginar o que se vê e o que se acredita. As palavras na poesia se enlaçam, aspirando não o processo da comunicação, mas aspirando a ser. A poesia é essencialmente real. É o real absoluto, quanto mais poético, mais verdadeiro, como pensou Novalis. O que ela nos faz sentir? Somente a experiência com a poesia pode nos evidenciar as sensações que o ato poético nos inspira.

Quando incluirmos em nosso cotidiano a poesia como instrumento de compreensão do mundo, teremos exercitado nossa sensibilidade e ampliado nosso intelecto de modo que tenhamos um olhar mais aprofundado sobre a realidade que nos cerca. A leitura de poesia trabalha nossas cegueiras epistemológicas causadas pelo comodismo e consumismo desenfreados. Um saber que serve de ponte para novos e diferentes saberes. Traz em si a força da palavra poética, pela sensibilidade perceptiva, pelo uso metafórico das palavras. Como diz Morin (2014, p. 91), “a literatura revela o valor cognitivo da metáfora, que o espírito científico rejeita com desprezo”.

As palavras na poesia retornam ao seu estado original. Elas não precisam mais ficar compartimentadas, etiquetadas, nas marmóreas trincheiras das definições. Elas gozam de liberdade, elas podem dizer o que elas quiserem, porque tudo é linguagem. São senhoras de si mesmas. O que faz o poeta com as palavras? Segundo Octávio Paz (2012, p. 55) o poeta “é um servo delas. Ao servi-las, ele as devolve a sua plena natureza, recuperando seu ser. Graças à poesia, a linguagem



reconquista seu estado original”. A poesia purifica a linguagem, permitindo diferentes sentidos e imagens ao leitor, que precisa reconhecer a importância dela na sua formação.

### **Propostas metodológicas para ensino e pesquisa de poesia**

Nossas propostas metodológicas estão baseadas nos estudos do pesquisador Hélder Pinheiro, que ao longo dos anos vem se dedicando incansavelmente ao ensino de poesia. Em seus estudos, Pinheiro (2014, p. 41) afirma que “o trabalho temático associado a uma abordagem comparativista favorece descobertas singulares e percepções do modo como cada época vivencia certos temas, dialoga com determinada ideologia, opta por determinada forma de expressão”. Precisamos focar nosso olhar para o texto literário e suas possibilidades de estudo, privilegiando as temáticas, a linguagem, as imagens e outros elementos do fenômeno estético.

Quando falamos em ensino de poesia, na verdade, é o ensino de ler poesia. Desde as séries iniciais da educação infantil, a poesia deve fazer parte das atividades dos alunos. Ler em voz alta, valorizando os recursos expressivos, a tonalidade das palavras e frases, sintoniza leitor e texto. A oralidade é um recurso que ativa o imaginário da criança. Ao ouvir o poema, a criança vai formando as imagens até construir um novo texto também oral. Helder Pinheiro (2007) destaca a importância da leitura em voz alta para encontrar a tonalidade da poesia. Às vezes, o poema pede uma leitura mais rápida, outras vezes mais lenta; um tom de voz mais alto outro mais baixo; a leitura em voz alta nos permite descobrir o tom certo de leitura.

A infância é fase de muita criatividade, a criança e a poesia assumem uma mesma face. Drummond (2007, p. 33) nos conta que, “após o exame, Dr. Epaminondas abanou a cabeça: - não há nada a fazer, D. Coló. Esse menino é mesmo um caso de poesia”. Imaginação e palavra compõem a poesia. Para viver essa realidade poética, o professor deve conhecer sua sala de aula, ouvir seus alunos e oferecer-lhes poesias que despertem o interesse, a criatividade, o imaginário. Lembra ainda Helder Pinheiro (2007, p. 21), que “bons poemas, oferecidos constantemente (imaginamos pelo menos uma vez por semana), mesmo que para alunos refratários (por não estarem acostumados a esse tipo de prática), tem eficácia educativa insubstituível”.

Uma atividade com a poesia pode ser feita por meio das canções populares infantis, parlendas, adivinhas, cantigas de roda. As crianças irão gostar da musicalidade, do jogo de palavras, do ritmo, da sonoridade. Outra sugestão são as poesias de Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Mario Quintana, José Paulo Paes, Elias José, Roseana Murray, Sérgio Caparelli, Moreira de



Acopiara, entre outros, que trazem como cenário a natureza, sendo transformada, colorida, reinventada não mais pelo poeta, mas pela criança que agora cria. Para Helder Pinheiro (2007, p. 89):

Se a criança ou jovem vai depois se tornar um leitor de poesia não temos como afirmar, mas temos o dever de levá-lo a ter contato com uma poesia em que estejam representados seus desejos, suas dúvidas, seus medos, suas alegrias, enfim sua experiência de vida.

Poesia e criança habitam o mesmo universo, criam novos mundos. Se a poesia, como diz Octávio Paz (2012, p.30), transforma a pedra, a cor, a palavra, o som em imagens, também a criança faz tudo ser constelações de imagens. Uma experiência plenamente rica em significados. A leitura de poesia desperta na criança sua percepção poética, sua imaginação e sonhos, porque as palavras engendram realidades possíveis, como a do menino que carregava água na peneira, de Manoel de Barros (2000, p. 22).

O menino aprendeu a usar as palavras.  
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro botando ponto final na frase.  
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
O menino fazia prodígios.  
Até fez uma pedra dar flor!

A mãe reparava o menino com ternura.  
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta.  
Você vai carregar água na peneira a vida toda.  
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens  
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos

O poema nos mostra a capacidade que a criança tem de criar mundos, de modificar realidades, “até fez uma pedra dar flor”. A criança é como o poeta um fazedor de prodígios. O poeta faz peraltagens com as palavras, mas elas “são muitas, eu pouco”, diz Drummond (1969, p. 24). Trava-se uma batalha entre o poeta e as palavras, dessa luta nasce a poesia. Segundo Candido (1977, p. 116) “as palavras parecem entidades rebeldes e múltiplas, que o poeta procura atrair, mas que fogem sempre, quer ele as acaricie, quer as maltrate”.

Para o ensino fundamental e médio, o professor pode escolher poemas que trabalhem com temas que desenvolvam a capacidade reflexiva dos alunos. A partir dos temas, pedir aos alunos para construir os sentidos do texto e suas interpretações. Os poemas de Mário Quintana, Manoel de Barros, Carlos Drummond, entre outros, servem como instrumentos de elaboração do pensamento



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

na construção de valores éticos, estéticos e humanos. A poesia de Drummond pode nos ajudar a pensar sobre muitas questões humanas. O poeta de Itabira sintoniza o homem diante de si mesmo, elevando sua condição de ser reflexivo, de ser que pensa. No poema “Os ombros suportam o mundo”, Drummond (1983, p. 37) ironiza a morte na vida sem Deus, sem amor, sem sonhos, se arrastando com o peso das guerras, das desordens, das fomes, dos ecos silenciosos e amortalhados de dores.

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração.  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.

Que tempo é esse! Podemos ver como o homem se desvencilhou da vida, da fé, do amor, dos amigos. Ele se perdeu de si mesmo. Já não adianta morrer. A velhice não importa, o amor não importa. O que fazer numa sociedade sem espírito humano? Como ensinar a ética do futuro de que fala Edgar Morin (2002), se o homem perdeu sua dimensão cósmica? Ter consciência de sua fragilidade implica no reconhecimento das limitações, no respeito pelo próximo e pela diversidade de ideias. Cada verso desse poema acende uma luz que revigora as consciências nas relações humanas e na convivência com as diferenças. O poema discute as consequências do tempo moderno e o sentimento de fracasso e pessimismo. São questões que podem ser colocadas para os alunos e pedir-lhes que expressem suas opiniões. A partir disso, o professor pode instigar a pesquisa por temas, por autores, num determinado contexto e temporalidade.



A poesia pede metodologias de ensino mais eficazes, sem os esquematismos dos manuais didáticos e pesquisas mais aprofundadas. Helder Pinheiro (2011) propõe pesquisa em literatura chamando atenção para a natureza do objeto de estudo e como tratá-lo. A pesquisa cria diálogos e vivências cujas práticas estão consubstanciadas na sensibilidade e na intuição. Duas qualidades que definem o perfil indagativo do pesquisador. No entanto, “o primeiro e fundamental pré-requisito é ser um leitor” (PINHEIRO, 2011, p. 28).

Educar por meio da poesia é um exercício que trabalha a sensibilidade e a formação do espírito crítico e humano. Devemos pensar a poesia como mecanismo de aprendizagem que vise o desenvolvimento do aspecto humano por meio da dimensão poética. Para Edgar Morin (2014, p. 45), a poesia é comunicação entre os homens e a natureza.

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente – sujeitos à utilidade e à funcionalidade –, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível.

O leitor precisa perceber que a poesia é subsidiária da condição humana e deve investir na evolução de seu conhecimento pessoal. A poesia nos revela a complexidade humana, algo de nós, de nossa experiência em sociedade, de nossa convivência com o outro e com a natureza. Diz a poeta Cecília Meireles (2011, p. 32), “pergunto-te onde se acha a minha vida. / Em que dia fui eu. / Que hora existiu formada de uma verdade minha bem possuída. / Vão-se as minhas perguntas aos depósitos do nada”. As indagações do eu poético põe em foco sua realidade física e psíquica. Nestes versos, nós também reconhecemos nossa natureza constituída de dilemas e imperfeições.

### **Considerações Finais**

Para desenvolver uma educação formadora de princípios humanos, o homem precisa repensar sua condição humana, “entre mim e mim, há vastidões bastantes para navegação dos meus desejos afligidos” (MEIRELES, 2011, p. 44). Reconhecer as vastidões humanas é um meio de incorporar uma postura de sujeito pensante capaz de redimensionar nossa trajetória terrena em consonância com o cosmo, com o todo e com as partes, como propõe Edgar Morin (2014, p. 25) com a ideia de ligação, de relações de reciprocidade, “como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes”.



Uma forma de cultivar a atitude de unidade é adentrar no espaço da linguagem poética. A poesia propicia um exercício extraordinário com a nossa alma. Exercita nossa sensibilidade, ameniza a indiferença, socializa nossas dores. Ela tem um material poético que responde às reflexões propostas por Edgar Morin (2011) para a educação do futuro. Por meio da poesia, o homem pode aliviar as cegueiras do conhecimento, tornando-o pertinente, com menos incertezas, capaz de ensinar a condição humana, a identidade terrena, a compreensão, a ética.

Esperamos que a poesia, como instrumento transdisciplinar, seja cultivada nas atividades de ensino de modo a favorecer o desenvolvimento intelectual, formativo e afetivo do indivíduo. Que seja também tratada como objeto de pesquisa, favorecendo a descoberta, as relações dialógicas, a compreensão e o respeito pelas diferenças. Sem poesia, nós não exercitamos nossa sensibilidade tão cara a qualquer ser humano independentemente de seu grau de estudo e de sua área de atuação.

### Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Nova reunião**. Rio de Janeiro: José Olympio: Brasília; INL, 1983.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião – 10 livros de poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969
- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação e o movimento**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARROS, Manoel de. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CANDIDO, A. **Inquietudes na poesia de Drummond**. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, pp.94-122
- Leitura de literatura na escola / Maria Amélia Dalvi, Neide Luzia de Resende, Rita Jover-Faleiros, orgs. – São Paulo, SP: Parábola, 2013.
- MEIRELES, Cecília. **Cecília de bolso**. Organizador Fabrício Carpinejar. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011).
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2ª ed. – São Paulo: Cortez: Brasília, DF: UNESCO, 2011.
- PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- \_\_\_\_\_. **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e ensino: aspectos metodológicos e críticos**. Campina Grande: EDUFCEG, 2014.